

CIÊNCIA, VERDADE E MENTIRA

Nas ciências é possível, embora difícil, mentir. Na política (ainda que não necessariamente na boa política, que existe) é fácil e possível, mentir. Os princípios, os enunciados e as descobertas das ciências sempre estão, ou no mínimo, sempre deveriam estar submetidos à indagação por parte da comunidade científica e da sociedade em geral. As asseverações e declarações dos políticos poucas vezes são submetidas, no momento de sua publicação, ao escrutínio rigoroso da sociedade. São aceitas cega e submissamente pelos partidários e negadas, com frequência de forma cínica, pelos oponentes.

Para os praticantes das ciências resulta difícil, mas não impossível, que ideias, resultados ou premissas falsas sejam aceitas pelos meios de difusão científica, que geralmente são muito cuidadosos em submeter todo trabalho a revisão detalhada de colegas com alta qualificação profissional. Ainda mais fácil resulta a incorporação de declarações e opiniões aos meios de comunicação, geralmente comerciais, que buscam a notícia e sobretudo as primícias, acima da verdade.

Para os políticos resulta normal que suas opiniões sejam difundidas como verdades, mais ainda quando se encontram envolvidos em campanhas de proselitismo. Assim proclamou um famoso ministro de propaganda de um grande país europeu, “uma mentira cem vezes dita torna-se verdade”, ou seja, é necessário repeti-la mil e outras mil vezes, até que o público e a nação inteira acreditem.

Quando um povo soberano vai às ruas a expressar sete milhões de vezes sua opinião adversa sobre a ditadura a que tem sido submetido, sem necessidade de custosos protocolos nem amedrontamento por parte das forças armadas, alguns políticos asseveram que foram somente uns poucos que o fizeram. Ao mesmo tempo afirmam que onze milhões de pessoas, que representariam a quase totalidade do resto dos cidadãos habilitados para votar nessa nação, se manifestaram a favor dos projetos da ditadura, e assim o repetem os meios

dependentes. Muito parecido é o que acontece quando pontos de vista contrastantes se manifestam em torno ao comparecimento a um ato de massas multitudinário.

Quando o líder da nação mais poderosa do mundo se pronuncia, diretamente ou através de seus assistentes, e a pouco tempo se reverte o pronunciamento sem o mais mínimo recato e nada acontece, não se está diante da verdade e sim diante de mentiras. O que dá trabalho aceitar é que tais discrepâncias possam acontecer diante dos olhos de toda uma população, mas isto sem dúvida ocorre. E acontece com uma frequência sumamente alta. É obvio que não se conta com um mecanismo de verificação adequado e suficiente que permita confiar naquilo que se transforma em palavra impressa.

As publicações científicas têm a responsabilidade muito especial de velar pela verificação de tudo aquilo que nelas se afirma. Por isso têm o cuidado de construir mecanismos para assegurar que isto ocorra com regularidade manifesta. No caso da imprensa, escrita ou de outro tipo, e das redes sociais, a influência dos fatores políticos é tão grande que pouco ou nada parece valer a intenção de muitos profissionais de velar pela apropriada verificação das notícias. Seu ritmo é demasiado apressado para que os conteúdos possam ser submetidos à validação necessária antes de ser publicados.

Para mentir é necessário que haja dois: quem mente e quem acredita. De ambos há muitos exemplares. Para expressar a verdade precisa-se de quem a diga e quem a verifique. De estes últimos se requer de muitos que o façam sem submeter-se a interesses e dependências dos fatores de poder em uma sociedade, ...em ciência, em política ou em qualquer âmbito.

MIGUEL LAUFER
Diretor